

PESQUISA EM SERVIÇOS DE SAÚDE: PRECISAMOS VALORIZAR ESTA TENDÊNCIA!

Carisi Anne Polanczyk

Rev HCPA 2010;30(1):3-4

Pesquisa em saúde tem evoluído de modo exponencial nos últimos anos, certamente no Brasil na última década impulsionada pelo incremento em recursos e fontes de financiamento. Entre os diversos tipos, estamos familiarizados com estudos na área básica - da molécula aos testes em animais -, e na esfera clínica desde as séries de casos aos estudos clínicos-epidemiológicos de coorte e ensaios randomizados. Entretanto, a pesquisa desenvolvida com foco nos serviços de saúde, do inglês *Health Service Research*, é um campo relativamente novo, com maior expressão nas revistas médicas e que merece ser destacado (1,2).

A definição de pesquisa em serviços de saúde tem constantemente evoluído, sendo descrita de forma um pouco diferente por alguns pesquisadores e instituições (3). Entre as mais conhecidas, pesquisa em serviço de saúde seria aquela que avalia acesso aos serviços, quanto custa e o que acontece como resultado deste cuidado. O principal objetivo é identificar a forma mais efetiva para organizar, gerenciar, financiar e oferecer assistência em saúde de alta qualidade, reduzindo erros e aumentando a segurança ao paciente. Nessa perspectiva, a investigação em serviços de saúde assume especial relevância, pois é direcionada a produzir conhecimento sobre os sistemas e serviços de saúde com o objetivo de orientar o desenho de políticas e a melhoria do desempenho, tanto em esfera nacional quanto para instituições e serviços locais.

Considerando as suas características, este tipo de linha de investigação representa vários desafios, pois não tem uma estrutura conceitual bem definida, é marcadamente multidisciplinar, desenvolvida por vários atores (academia, hospitais, governo), com comparações distintas e sem uma padronização em relação a métodos e testes estatísticos.

Neste volume da Revista de Hospital de Clínicas de Porto Alegre algumas destas diversidades estão refletidas em vários artigos apresentados, alguns descritivos e normativos e outros integrando resultados. Na temática de estudos que avaliam processos de implantação de programas em serviços de saúde e estudos quanto às dimensões de estrutura e processos assistenciais e organizacionais, temos alguns exemplos neste volume. Caze e col. fazem uma análise cuidadosa do protocolo de manejo para leucemia linfocítica aguda e confirmam o modo adequado da seleção dos fármacos baseadas nas evidências da literatura (4). Um artigo impor

tante, liderado pela Comissão de Controle de Infecção Hospitalar, nos prima com a política de antimicrobianos da instituição. Com um relato fundamentado em evidências e experiência do grupo, o artigo é explícito nas recomendações, indicações e não-indicações para uso de antibióticos em diversos cenários clínicos (5). Embora a proposta do mesmo não seja propriamente uma pesquisa em serviço, o seu embasamento é pulverizado com este tipo de estudo. Estamos acostumados com as orientações da nossa Comissão, mas não pode passar despercebida a relevância destas definições no formato descrito no artigo. Idealmente, todas as outras áreas de regulação, normatização e assistência deveriam revisar, analisar e divulgar suas experiências e estabelecer suas rotinas e políticas no mesmo formato.

Em outros artigos, a temática sobre políticas sociais e de saúde e suas relações com o desempenho dos sistemas de serviços de saúde aparece claramente. Por exemplo, Fink e col. descrevem a experiência com a implantação do Centro de Referência para assessoria em fórmulas nutricionais especiais no estado do Rio Grande do Sul (6). Além dos aspectos positivos apontados pelos autores, eles destacam vários que precisam ser perseguidos como acompanhamento dos resultados, custos do programa, abrangência dos beneficiados, entre outros.

Qual a vantagem, diferença e validade deste tipo de pesquisa? As mesmas não têm o mesmo apelo científico que os ensaios clínicos randomizados ou meta-análises que nos direcionam as condutas do dia-a-dia. Realmente, pesquisa em serviços de saúde ainda não tem esta inserção na prática assistencial, especialmente pelas limitações metodológicas inerentes em vários modelos. É reconhecido que estes estudos ainda têm uma baixa utilização pelos gestores e gerentes e pouca valorização científica do conhecimento produzido (7). Por outro lado, a relevância destas informações transcende a avaliação de tecnologias pelos métodos tradicionais com um foco prático, e parece indiscutível que o desenvolvimento de pesquisas em sistemas e serviços de saúde poderá contribuir para o aprimoramento e fortalecimento do nosso sistema de saúde e para a qualidade na atenção nos serviços de saúde. Devemos aceitar e participar desta nova tendência com o mesmo olhar crítico tradicional, mas não deixar de valorizar estas ferramentas que podem reduzir a distância entre a teoria científica e a prática assistencial.

REFERENCIAS

1. Institute of Medicine. Committee on Health Services Research: Training and Work Force Issues. Health Services Research: Workforce and Educational Issues. Washington, DC: National Academy Press, 1995.
2. Flook EE. and Sanazaro, P.J. Chapter 1. Health Services Research: Origins and Milestones. In: E.E. Flook and P.J. Sanzaro, eds. Health Services Research and R&D in Perspective. Ann Arbor, MI: Health Administration Press, 1993.
3. Novaes MHD. Pesquisa em, sobre e para os serviços de saúde: panorama internacional e questões para a pesquisa em saúde no Brasil. Cad Saúde Publ 2004;20.
4. Caze et al. Estudo Referencial de um Protocolo Quimioterápico para Leucemia Linfocítica Aguda Infantil. Rev HCPA. 2010;30(1):
5. Santos et al. Política de Antimicrobianos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre – 2010. Rev HCPA. 2010;30(1):
6. Fink et al. Criação e Implantação do Centro de Referência para Assessoria em Fórmulas Nutricionais Especiais no Estado do Rio Grande do Sul. Rev HCPA. 2010;30(1):
7. Dash P, Gowman N, Traynor M. Increasing the impact of health services research. BMJ 2003; 327: 1339-41.